

No coração pulsante da cultura — Entrevista com Eva Illouz¹

The beating heart of culture - Interview with Eva Illouz

Eva Illouz nasceu no Marrocos, em uma família judia que emigrou para a França em 1971, quando ela tinha dez anos. Estudou literatura em Paris, quando começou a se interessar pela sociologia, e fez seu doutorado em literatura e comunicação, nos Estados Unidos. Seu primeiro livro, *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism* (1997), tornou-se referência para compreender as relações entre o amor e o capitalismo, tema que desenvolveu na esfera das relações por mídias digitais na pesquisa que apresentou – a convite de Axel Honneth – em uma de suas Conferências Adorno, em Frankfurt, e depois publicou em *Cold Intimacies: the making of emotional capitalism* (2007).

Autora de nove livros, dentre os quais *Saving the Modern Soul: therapy, emotions and the culture of self help* (2008), *Why love hurts: a sociological explanation* (2012) e *Hard Core Romance: Fifty Shades of Gray, Best Sellers and Society* (2014), suas investigações lidam com fontes históricas, culturais e midiáticas buscando aprofundar o estudo das relações entre emoções e capitalismo, sobretudo por meio do impacto do uso das mídias de massa ou segmentadas.

A pesquisadora concedeu esta entrevista a Richard Miskolci² por telefone e Skype em duas partes: a primeira em janeiro, quando estava em Paris, e a segunda em março, em Jerusalém.

1 Departamento de Sociologia e Antropologia – Universidade Hebraica de Jerusalém – Jerusalém – Israel – e-mail: illouz@mscc.huji.ac.il

2 Entrevista e tradução de Richard Miskolci – Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia – UFSCar – São Carlos – Brasil – e-mail: ufscar7@gmail.com

Richard Miskolci: Você é uma espécie de pesquisadora global, já que nasceu fora do centro da produção sociológica, mas estudou na França e nos Estados Unidos e hoje está baseada em Israel. Poderia contar um pouco sobre essa experiência?

Eva Illouz: Sou baseada em Israel e na França porque atualmente sou *directrice d'études na Haute École en Sciences Sociales*, onde Bourdieu, Barthes e Derrida lecionaram. Realmente, eu nasci em uma família de judeus no Marrocos e por isso o pertencimento lá era condicional. Não compreendo o nacionalismo em nenhuma de suas formas e penso que – quando imigramos para a França – o que eu amei não foi ela como nação. Amei a língua francesa, a cultura e amei a escola e o sistema político. Eu me senti próxima disso. Naturalmente eu me senti conectada à cultura e à língua, mas como uma imigrante eu sabia que tinha que me esforçar muito. Essa sempre foi minha impressão sobre estar na França ou nos Estados Unidos, nada era garantido. Acho que isso me fez uma caricatura do judeu desenraizado. É uma caricatura do século XIX sobre os judeus, de que seriam sem raízes e cosmopolitas e essa é minha vida porque eu nunca me identifiquei completamente com nenhuma nação. É possível se identificar completamente com cultura e ideias e eu diria que essa é minha experiência.

R. M.: Você poderia falar um pouco sobre sua educação e início como socióloga? Onde você estudou?

E. I.: Estudei literatura e comunicação na *Annenberg School of Communication*, a qual provavelmente é a mais conhecida escola de estudos dos efeitos da mídia. Então, comecei como uma pesquisadora da mídia interessada no impacto dela nas imagens mentais e nas práticas. É por isso que eu escolhi o tema do amor romântico; inicialmente, porque pensei que poucos tópicos me permitiriam entender tão claramente a forma como a mídia molda – ou não molda – práticas românticas.

A Universidade da Pennsylvania também foi onde [Erving] Goffman lecionou. Ele já tinha morrido quando eu cheguei, mas eles ainda têm um departamento de sociologia maravilhoso. Estudei lá com um sociólogo que não é muito conhecido fora dos Estados Unidos, mas que é maravilhoso: seu nome é Charles L. Bosk. Ou seja, de certa forma – ainda que eu tenha estudado sociologia na graduação na França – meu conhecimento sociológico é muito autodidata porque meu treino formal foi em literatura e estudos da mídia. Meu treino em sociologia foi individual, predominantemente autodidata.

R.M.: A despeito do seu autodidatismo na sociologia suas obras mostram um profundo conhecimento sociológico. Quais foram suas influências sociológicas iniciais?

E.I.: O sociólogo que mais me influenciou foi Max Weber. Weber – acredito – foi o sociólogo que mais se preocupou com a modernidade e não tinha uma espécie de narrativa otimista dela como Marx ou Durkheim. Ele é quem entendeu os paradoxos da liberdade e, para ele, quanto mais nos libertamos mais nos disciplinamos, mais precisamos da lei para interferir, regular nossas relações e, de fato, podemos ver quanto Weber influenciou Foucault e Adorno. É exatamente o pensamento que os influenciou e que me influenciou muito ao me fazer a mesma questão que Weber fazia a si mesmo: como é o mundo cognitivo e emocional das pessoas? Como ele é diferente do mundo anterior? Como ele se tornou racionalizado? Qual é a influência da economia e da ciência na esfera emocional?

R.M.: E qual foi seu interesse de pesquisa principal no início de sua carreira?

E.I.: Quando eu comecei a escrever meu doutorado a questão que me preocupava era, ao mesmo tempo, sociológica e filosófica, e era uma das questões que tinha sido central para a Escola de Frankfurt: como a era moderna – na forma do capitalismo, indústrias culturais e tecnologias midiáticas – transforma o conteúdo e a natureza do *self*?

Para os sociólogos, o *self* é a entidade responsável pelo desejo, a volição, a intenção, pelas maneiras em que diferentes ações de um indivíduo são coordenadas, nomeadas, integradas em uma moldura maior. Por exemplo, encarar as ações de alguém como determinadas por um comando divino leva a reter um sentido diferente daquele determinado por um ideal secular de autonomia individual. Um objeto fundamental de minha pesquisa é mostrar como o *self* muda na modernidade, o que – por sua vez –, inevitavelmente, se associa à questão maior, mas crucial, se a modernidade impede ou incentiva o florescimento humano. Quando eu cheguei nos Estados Unidos, eu vinha da França, onde a *Dialética do Esclarecimento* tinha uma influência, ao mesmo tempo, direta e indireta na paisagem intelectual e eu era influenciada pelo programa intelectual da Escola de Frankfurt, que basicamente tentou entender a organização do *self* dentro e pelas instituições do capitalismo e pelo que chamavam de indústrias culturais. Uma das afirmações mais importantes de Adorno e Horkheimer, como se sabe bem, é que apesar de maior liberdade e igualdade podia-se observar na modernidade o capitalismo standardizado, comodificado e a individualidade racionalizada.

O projeto da Escola de Frankfurt foi o de entender por que o florescimento humano permaneceu impedido apesar dos aparentes avanços das políticas modernas. Assim, o que era tão interessante no projeto deles era o fato de que eles não afirmavam que utopias modernas falharam, mas que, no entanto, essas utopias se realizaram sem trazer a felicidade e, de certas formas, até impediram o desenvolvimento humano.

R. M.: Como a experiência americana impactou suas ideias?

E. I.: Nos Estados Unidos, quando eu cheguei fiz dois encontros intelectuais muito diferentes: o primeiro foi o grande otimismo e crença dos intelectuais norte-americanos nas instituições da modernidade. O capitalismo pode ter sido criticado, mas no sentido de que ele apenas precisava ser melhorado, não de que suas raízes eram fundamentalmente opressivas. Esse encontro com o otimismo intelectual não me tornou uma otimista, mas me fez duvidar fortemente de qualquer narrativa *a priori* da modernidade ou do desenvolvimento humano. Por *a priori* eu quero dizer uma narrativa em que o roteiro e o final já são conhecidos previamente quer seja uma narrativa final e de decadência ou de emancipação e progresso. Por isso, ainda que eu tenha sido muito inspirada pela tradição da teoria crítica, uma das premissas da minha obra foi a de avaliar diferentes formas de desenvolvimento humano sem presumir saber previamente como ele deveria ser, o que seria, qual deveria ser o fim da narrativa. Isso pode parecer uma tarefa trivial para historiadores ou psicólogos, mas a sociologia é muito frequentemente normativa e é por isso que não é tão simples quanto parece.

Meu segundo encontro intelectual foi com a forte tradição empírica que caracteriza o trabalho acadêmico norte-americano. Nos Estados Unidos, o que Adorno e Horkheimer chamavam de indústrias culturais foram pesquisadas nos termos e categorias dos efeitos ou recepção das mídias e essas foram exploradas com as ferramentas da psicologia e da psicologia social de um lado e dos estudos de recepção, história e antropologia do outro.

Meu trabalho emergiu do encontro entre as grandes questões filosóficas sobre a natureza do *self* nas instituições da modernidade de um lado e da vertente fortemente empírica da pesquisa acadêmica americana do outro. Mesmo que eu quisesse manter uma conexão com os modos filosóficos de investigar minha percepção era de que a questão do impacto da modernidade na individualidade tinha que ser discutido empírica e comparativamente, ou seja, a questão era saber precisamente onde o *locus* de transformação do *self* estava, quais

instituições eram responsáveis por quais transformações, como elas fizeram isso e, mais crucialmente, a questão para mim era entender a natureza da transformação do *self* sem ter uma narrativa da modernidade claramente delineada.

Decidi estudar essas transformações por meio do tema do amor quase sem perceber naquela época que ele seria um tema tão bom. Apenas depois eu percebi que o amor realmente me trouxe para o coração pulsante – se posso dizer – da cultura moderna. Pode parecer que o amor é uma atividade prazerosa, mas não uma fundamental para conhecer a sociedade. Mas, na verdade, estudar o amor é como estudar gênero ou o poder: ele nos traz para o cerne e a fundação da modernidade e nos ajuda a fazer de forma direta a questão da natureza, do processo e da transformação da individualidade na modernidade.

R. M.: Como uma socióloga inicialmente treinada como pesquisadora de mídia e comunicação, como você entende sua produção intelectual?

E.I.: Eu diria que sou uma socióloga porque eu analiso a interação entre a estrutura social, as práticas culturais e a ecologia midiática. Diria que este é o triângulo no qual minha obra se move. A ecologia da indústria cultural, a estrutura social do capitalismo e as práticas românticas.

R. M.: Então, é possível afirmar que seu principal objeto de pesquisa é a cultura?

E. I.: Meu objeto de análise é a cultura: a cultura é, notoriamente, ao mesmo tempo, complexa e vaga. Ela é a matriz de ideias, crenças, valores, formas de fazer e interpretar eventos. A cultura existe em *designs* arquiteturais, discurso, códigos de vestimenta assim como no conteúdo e na forma das crenças das pessoas. Assim, para descobrir como as pessoas rotineiramente interpretam seu mundo na cultura moderna, eu tento unir uma grande variedade de dados adquirida de muitas fontes: filmes, imagens de propoganda, romances, livros de aconselhamento, jornais, revistas, ou seja, textos culturais que são produzidos para a leitura e o consumo, e entrevistas com pessoas e/ou observações etnográficas delas em seus contextos cotidianos. É como lidar com um grande quebra-cabeças, só que você não sabe como a imagem final se parece. Um dos problemas do meu trabalho é descobrir como juntar as partes em uma compreensão coerente de todos os fragmentos que eu junto para entender como algo tão escorregadio como ideias e práticas, amor ou individualismo mudam. Pense

na cultura como sendo um determinante poderoso para a ação, mas, porque ela é a água proverbial em que nadamos, é frequentemente difícil de pegar.

Outro desafio no estudo da cultura é avaliar seu impacto. Por exemplo, o cristianismo tornou a imagem do Cristo sofredor central para sua iconografia e teologia, mas se você quer dizer se ela molda a visão de mundo das pessoas, então se torna complicado. O que ela molda? Quanto? Como ela faz isso? Para estudar a cultura você tem que ser um pouco malabarista e segurar muitas bolas ao mesmo tempo, você tem que entender o que pode estar acontecendo na cabeça das pessoas e entender o que pode estar moldando-as: se instituições como a Igreja estão realmente moldando a visão de mundo das pessoas, o que em suas visões de mundo elas estão moldando? Por exemplo, que seu sofrimento é merecido ou que lhes trará redenção e, finalmente, se instituições competem umas com as outras na moldagem das interpretações disponíveis para as pessoas, por exemplo, tradições disponíveis oralmente podem ter tido tanto impacto nas ideias das pessoas sobre o sofrimento quanto as teorias formalizadas pela Igreja.

R. M.: Você poderia descrever brevemente seus interesses intelectuais de forma que pudéssemos compreender seus livros dentro de um projeto intelectual?

E.I.: Por meio do tema do amor tive um fio importante para entender e seguir o círculo completo das instituições e subjetividade e o capitalismo foi o principal *link* conectando os dois. De fato, eu entendi progressivamente que o capitalismo era um vetor crucial explicando como emoções e instituições se organizam na modernidade e o grande guarda-chuva sob o qual eu organizei cada vez mais minha agenda de pesquisa tem girado em torno da questão sobre como o capitalismo molda e transforma a vida emocional e a individualidade. A pesquisa que tenho desenvolvido desde meu doutorado tenta entender vários aspectos da intersecção de emoções, capitalismo e cultura. Qual o papel da mídia de massas (filmes, livros de auto-ajuda, revistas femininas, publicidade, televisão) em prover e definir o vocabulário, metáforas e modelos causais com os quais concebemos, pensamos sobre e lidamos com a vida emocional? Como as emoções se tornaram entrelaçadas com o consumo e a produção? E qual é o significado e o impacto de tal entrelaçamento nas relações e na felicidade humanas?

Cinco temas dominam minha obra: um tema dominante concerne o fato de que o capitalismo, tanto na esfera do consumo quanto da produção, transformou padrões emocionais; o segundo grande tema de meu trabalho tem a ver

com o papel da psicologia clínica popular na moldagem da identidade moderna; o terceiro tema que perpassa minha obra é a transformação da arquitetura ou ecologia da escolha; um quarto tema é aquele sobre a distribuição desigual do desenvolvimento emocional e da felicidade emocional. Acho que não podemos parar de analisar como emoções são construídas e organizadas por práticas institucionais: ao contrário, assim que elas são organizadas por instituições elas causam coisas para as pessoas e, finalmente, o quinto tema, que é um tema meta-teórico, é aquele do desenvolvimento humano e da crítica social.

Não quero fazer a análise da cultura por meio da contagem das várias formas pelas quais ela emancipa ou reprime, entrega “lixo” ou “tesouros”, se conforma ou não a um modelo do desenvolvimento humano. Meu dilemma é como pensar sobre o desenvolvimento humano e ainda o fazer sem um forte enquadramento normativo. Minha visão disso é que devemos fazer análises históricas e sociológicas comparativas, ou seja, devemos comparar diferentes caminhos para diferentes formas de bem-estar providas por diferentes sociedades.

R.M.: *Consuming the romantic utopia* é um livro fundamental sobre o amor e o capitalismo. Seus últimos trabalhos parecem lidar com um cenário em que o capitalismo e/ou o mercado não têm a mesma centralidade na explicação sobre as relações pessoais contemporâneas. O que mudou?

E.I.: Eu escrevi *Consuming the romantic utopia* quando – creio – a internet ainda não existia. O que mudou drasticamente desde então é a Internet e os *sites* de sexo. Primeiro, os *sites* de busca de parceiros e depois os aplicativos para equipamentos móveis, assim como a indústria da pornografia que cresceu tremendamente e a cultura do sexo sem compromisso [*hookup culture*] nas universidades norte-americanas que mudaram profundamente o papel do compromisso em casais heterossexuais. Diria que essas foram as três principais mudanças: 1. a maior disponibilidade de material sexual que mudou – acredito – as práticas sexuais; 2. a cultura do sexo sem compromisso que legitima mais do que antes – tanto para rapazes quanto moças – as relações puramente sexuais sem envolvimento e 3. a comodificação dos encontros por meio dos *sites* de encontro que significam também uma alta rotatividade de parceiros. Assim, a tecnologia está realmente dirigindo a mudança social no sentido de que tornou a escolha, a própria grande disponibilidade de escolha de parceiros uma realidade. Esse fato muda realmente as práticas prévias dos parceiros heterossexuais.

R.M.: Você analisou o uso de *sites* de encontros em uma época em que o texto era mais importante para a auto-apresentação do que hoje. Você refletiu sobre as mudanças nesse tipo de busca *online*?

E.I.: Acho que a visualidade é a confirmação de que, de fato, a busca *online* é apenas sobre sexo, que é sobre ser sexualmente atraente. Acho que enquanto o texto expressava a possibilidade de duas pessoas emocionalmente, psicologicamente compatíveis se encontrarem, a era da visualidade expressa o fato de que é apenas sobre ser sexualmente atraente.

R.M.: Você identifica diferenças relevantes entre o uso de websites em computadores de mesa e o de aplicativos em equipamentos móveis, como *smartphones*? O que você acha que a mobilidade e a conectividade perpétua adiciona às expectativas e práticas que você investigou quando a busca amorosa *online* era feita em casa por meio de computadores de mesa?

E.I.: Torna a possibilidade de encontrar imediata, a torna sem esforço e de uma maneira que aumenta a possibilidade – por ser geolocalizada – de que você possa conhecer pessoas que são como você porque pessoas que são como você vão aos mesmos lugares, digamos, uma discoteca ou uma livraria específica. Mas, ao mesmo tempo, o que acho que a busca móvel faz é simplesmente tornar esses encontros muito mais descartáveis. Eles são mais rápidos e você pode terminá-los muito mais rapidamente.

R. M.: Em seus dois últimos livros você afirma claramente que você está pesquisando relações heterossexuais, mas às vezes alude a tópicos homossexuais. Hoje em dia é ainda possível trabalhar com essa divisão binária entre hetero-homossexualidade ou esse binário também se borrou, contribuindo para as tensões irresolvidas em que vivemos desde a década de 1960?

E. I.: Claro que se borrou, mas eu acho francamente que muito das contradições, conflitos, dificuldades – não todas – mas as dificuldades que eu documentei estão conectadas mesmo com a heterossexualidade porque ela é fundamentalmente uma instituição para a reprodução biológica e para prover recursos econômicos para duas pessoas. A homossexualidade, nesse sentido, é a forma sexual que alcança muito melhor as promessas da Revolução Sexual e da modernidade. A heterossexualidade é realmente alocada entre estruturas pré-modernas e aspirações, estruturas e aspirações modernas, fica mesmo entre as duas. Há ainda a família, as crianças, o cuidado com elas e a divisão do trabalho entre filhos e marido. Mas a homossexualidade muitas vezes não é sobre família,

não é sobre reprodução, não sobre recursos econômicos, ela é sobre o desejo e a afirmação da força do desejo passa por ela. Assim, penso que há uma diferença no sentido de que a homossexualidade é a que tem sido mais capaz de viver com a promessa da modernidade.

R. M.: Para encerrar... Seu trabalho lida criativamente com as relações entre representações e práticas sociais. Você poderia explicar como você lida com essas duas vertentes do pensamento sociológico? Sua atenção às representações serve para um público marcado por uma experiência comum de práticas? Ou as representações podem moldar práticas em novos significados e ações?

E. I.: Não acho que a cultura representa coisas fora dela. Acho que precisamos pensar sobre um aspecto muito mais pragmático da cultura. Por exemplo, o gênero do romance, as estruturas narrativas do amor que podem ser usadas depois para moldar narrativas vividas do amor. Quando você pensa na narrativa do amor é muito difícil realmente fazer uma distinção entre o caráter narrativo da vida, entre apaixonar-se e o caráter ficcional das histórias, eles estão entrelaçados um com o outro. Assim, eu diria, veja o discurso psicológico... Como o *Cinquenta tons de cinza*³ é também sobre tentar superar o hiato entre palavras e ação, é sobre levar você a fazer coisas. Portanto, diria que não acho que a cultura contém imagens que, de alguma forma, podem ser traduzidas ou convertidas em imagens mentais. O que penso é que muita da cultura contemporânea, especialmente cultura de aconselhamento, tem um efeito pragmático. Ela nos faz fazer coisas. Ela diz algo – e não apenas faz com que nos percebamos como entidades carentes de autotransformação – mas nos faz agir. Ela tem essa capacidade de nos fazer agir em direção à autotransformação, o ato de refletir sobre nós mesmos, o ato de mudar nossas emoções. Assim, penso que a maior parte da cultura contemporânea é performativa, ela nos leva a fazer coisas.

Referências:

- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 1985.
- ILLOUZ, Eva. *Consuming the romantic utopia: love and the cultural contradictions of capitalism*. Berkeley, University of California Press, 1997.

3 *Best-seller* erótico da escritora inglesa Erika Leonard James publicado em 2011 e analisado por Illouz em *Hard Core Romance* (2014) como exemplar paradigmático da produção cultural *prosumer*, fenômeno contemporâneo em que artefatos culturais como livros passam a ser escritos em interação com leitores nas mídias sociais.

- _____. *Hard Core Romance: Fifty Shades of Gray, best sellers and society*. Chicago, The University of Chicago Press, 2014.
- _____. *Cold Intimacies: the making of emotional capitalism*. London, Polity Press, 2007.
- _____. *Saving the Modern Soul: therapy, emotions and the culture of self help*. Berkeley, University of California Press, 2008.
- _____. *Why Love Hurts: a sociological explanation*. London, Polity Press, 2012.
- WEBER, Max. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. São Paulo, Cia das Letras, 2004.

Recebido em 27/05/2016

Aprovado em 30/06/2016

Como citar este artigo:

ILLOUZ, Eva. No coração pulsante da cultura – Entrevista com Eva Illouz. *Contemporânea* – Revista de Sociologia da UFSCar, v. 6, n. 2, jul.-dez. 2016, pp. 299-308.